

Resenha do Livro *Quebra de Confiança e Conflito entre iguais: Cultura Emotiva e Moralidade em um bairro popular*, de Mauro Guilherme Pinheiro Koury

O mais recente livro de Koury, *Quebra de Confiança e Conflito entre iguais: Cultura Emotiva e Moralidade em um bairro popular*, lançado como o *Caderno do GREM* n. 9, [Recife: Ed. Bagaço; João Pessoa: Edições do GREM, 2016], compreende um relato etnográfico ou descrição densa, no sentido geertziano. Relato etnográfico este tensionado por uma sensibilidade própria da Antropologia das Emoções fortemente influenciada por autores como Simmel, Elias, Mead, Goffman e Scheff, e, também, pela proposta bourdesiana de objetificação participante como paradigma de análise crítica, distanciada e reflexiva da alteridade e das possibilidades de objetificação da subjetividade do pesquisador em campo.

O livro problematiza o cotidiano das relações de atores sociais percebidos como moradores de bairros populares fronteiriços da cidade de João Pessoa, Paraíba. Relações estas construídas em um cenário de intensa pessoalidade, relativa exclusão social e problemas infraestruturais classificados pelos moradores locais como problema a ser escandalizado publicamente e resolvido por políticas públicas de habitação.

Por escândalo se entende, em sentido goffmaniano, a estratégia racional de levar para além das fronteiras de um espaço interacional os projetos de um ajuntamento específico de atores sociais. No caso etnografado, os moradores do Varjão/Rangel organizados em torno de um movimento pela moradia digna buscavam escandalizar a situação de precariedade de suas habitações para, assim, provocar uma resposta favorável do poder público municipal.

Neste contexto histórico-cultural, a grande área às margens do Rio Jaguaribe, em que se situam os bairros e comunidades do Varjão/Rangel, Jaguaribe, Cruz das Armas e Cristo Redentor, foi o cenário, entre os anos de 2006 e 2010, de um processo tenso, pleno de dissensos e desentendimentos, de realocação de populações, - organizadas em redes homofílicas, de dádiva e solidariedade, - para um território desapropriado pelo poder público municipal para a construção de um conjunto residencial, nomeado como Conjunto Residencial Monte Cassino e, pejorativamente, como PA III. A negociação deste novo lugar comprometeu os atores sociais envolvidos, principalmente os moradores do Varjão/Rangel participantes no movimento pela moradia digna, em um conjunto de conflitos por direitos, disputas morais e identitárias, mas também em razão de desentendimentos, suspeitas e quebras de confiança em relação a projetos coletivos desfeitos e traídos.

Koury, nesta obra, desenvolve sua análise antropológica a partir de uma etnografia do contexto de crise e ruptura moral da ordem normativa destas comunidades de moradores. Ordem moral que se pautava, antes de sua dissolução, na gratidão e na confiança que orientava as ações individuais e coletivas entre estes relacionais; e que, no processo de recomposição moral dos vínculos sociais, assume uma linguagem moral e emocional de revolta, desconfiança e humilhação.

O processo de ruptura e recomposição moral, assim, é analisado em sua dimensão microssociológica das emoções e da moralidade com base na observação das intrigas e traições, fofocas e rumores, silêncios e rumores, jocosidades e ironias que caracterizaram a situação de crise de identidades e de pertencimentos. Estes elementos do cotidiano são problematizados por Koury para a compreensão das negociações

e disputas morais entre os moradores do movimento pela moradia digna no Varjão/Rangel, entre eles e os moradores dos demais bairros, e entre os moradores em geral e o poder público municipal.

Koury situa este amplo processo de “quebra de confiança e conflito entre iguais” não somente no contexto moral e emocional mais amplo da cidade de João Pessoa, mas também em uma análise de tempo-longo que situa a história das comunidades da grande várzea do Rio Jaguaribe desde os idos de 1920. A obra se organiza, assim, em três capítulos, perfazendo uma unidade analítica.

O primeiro capítulo, intitulado “Varjão/Rangel: elementos para uma história do bairro”, apresenta os caminhos da ocupação do território do “Varjão” e da formação de suas comunidades de moradores. O capítulo seguinte, “Estigma, estranhamento, fofocas, medos e personalidade”, discorre de forma sincrônica e microanalítica sobre os códigos de moralidade e sobre a cultura emotiva que caracteriza os espaços interacionais do Varjão/Rangel. O terceiro e último capítulo, “Quebra de confiança e conflito em uma instância pessoalizada”, se vale da discussão anterior para abordar, na forma de uma descrição densa, o processo de quebra de confiança e conflito que caracterizou a alocação de parte dos moradores do Varjão/Rangel envolvidos no movimento por moradia digna para o Conjunto Residencial Monte Cassino.

A análise etnográfica do bairro do Varjão/Rangel, com suas formas pessoalizadas de regulação moral e de administração das tensões cotidianas, se insere em um amplo projeto de pesquisa sobre medos e medos corriqueiros na cidade de João Pessoa, tomada como universo de pesquisa em um recorte temporal que se estende de 1970 até à atualidade. Nos idos de 1970 Koury identifica uma inflexão na conformação

do lugar, até então composto por comunidades distribuídas na várzea do Rio Jaguaribe, no sentido de sua transformação em bairro integrado à cidade mediante um processo de modernização forçada em curso em todo o país.

O interesse de Koury pela sociabilidade do bairro se acentua, contudo, no ano de 2009, quando ocorre a nacionalmente conhecida Chacina do Rangel. Este crime moral e situação limite chocou a cidade e o bairro e desatou um conjunto complexo de fraturas e rupturas nos códigos de solidariedade, confiança, lealdade, pertença e gratidão entre os vizinhos. Ao passo que mobilizou a cidade de João Pessoa, enquanto instância político-social, jurídica, midiática e religiosa, a intervir no Varjão/Rangel no sentido de pacificar e moralizar o lugar.

É neste contexto de estudos sobre a cidade de João Pessoa que Koury desenvolve, no âmbito do projeto sobre medos e medos corriqueiros supracitado, um projeto de pesquisa em menor escala sobre solidariedade e conflito nos processos de interação cotidiana em regimes de intensa pessoalidade e estigma. O Varjão /Rangel, então, se situava entre os dez bairros mais violentos da cidade e se apresentava como uma sociabilidade curiosamente fragmentada, na sua dimensão simbólica, moral e emocional, entre a identidade Varjão (nome oficial do bairro e signo de vergonha e exclusão em relação à cidade) e a identidade Rangel (nome oficioso).

Nas palavras de Koury (2016, p. 17):

“Os dois nomes eram usados pelos moradores como elementos de acusação e de justificação na narrativa do próprio bairro e os enfrentamentos cotidianos com as situações e os estigmas que o marcam, bem como o seu contrário, com o bom viver no bairro.

[...]

Além dos usos dos dois nomes, Varjão e Rangel, como estratégia narrativa de desculpas (WERNECK, 2012), justificativas e acusações dos moradores sobre o próprio bairro e suas relações de amor e ódio com ele (KOURY, 2014), conforme o pesquisador adentrava no bairro e na confiança dos moradores, apareciam também dissensos, estranhamentos e uma rede de intrigas e rupturas experienciadas, que complexificava a dinâmica do lugar.

Lugar visto não como território, mas como um jogo simbólico de experiências morais e emocionais vivenciadas pelos moradores em contextos situacionais específicos do qual tomavam parte como indivíduos ou grupos”.

A obra *Quebra de Confiança e Conflito entre iguais: Cultura Emotiva e Moralidade em um bairro popular* aborda, no contexto de estudos e análises sobre a cultura emotiva e os códigos de moralidade do Varjão/Rangel, o processo de falência e recomposição moral das fronteiras e hierarquias visíveis e invisíveis, bem como do sentimento de pertença, de uma comunidade de vizinhos e parentes próximos no bairro entre os anos de 2006 e 2010. Processo este que atingiu moradores do Varjão/Rangel e de bairros adjacentes, como Jaguaribe, Cristo Redentor e Cruz das Armas, em um amplo processo de quebra de confiança e conflito entre iguais.

Este processo significou a reorganização de populações, fronteiras, identidades e sentimentos de pertença no e entre os bairros atingidos. Estende-se, em suas várias fases, por alguns anos e alcançou seu clímax no ano de 2010, quando ocorreu a realocação de uma parcela considerável da população do bairro do Varjão/Rangel para um residencial situado à margem norte do território do mesmo: o Residencial Monte Cassino, ou PA III, como ficou estigmatizado.

Koury (2016, pp. 68-70.) relata as disputas morais e o desencantamento que redundou em intrigas e juras de morte entre os beneficiados e os que se sentiram traídos, como segue:

“A construção do residencial teve início um ano depois da desapropriação, em 2007. De acordo com os cálculos previstos pelo projeto, este era para ser executado em 180 dias (seis meses), mas, por questões técnicas e burocráticas, o residencial só foi entregue no ano de 2010. Três anos depois.

Durante todo o processo de desapropriação e construção do conjunto residencial, houve o cadastramento dos possíveis moradores e conversas com eles sobre preservação ambiental e educação sanitária. A resistência ao projeto, nesse ínterim, continuava.

A oposição se dava, de um lado, a partir do planejamento arquitetônico do conjunto residencial. A planta do projeto parecia não estar adequada à principal forma de vida dos possíveis moradores, que trabalhavam, principalmente, com a coleta de material reciclável.

[...]

Outro ponto de resistência, por outro lado, tinha por foco a política de cadastramento executado pelo serviço social da secretaria da habitação da prefeitura.

[...]

Com a conclusão e entrega das moradias, houve uma grande desilusão: apenas uma parte das pessoas cadastradas, de acordo com os critérios estipulados acima, foi contemplada com a posse de moradias no Conjunto Residencial Monte Cassino. A outra parte se sentiu enganada e acusou os moradores contemplados de manipuladores, junto a políticos, do rol e da ordem do cadastramento, modificando o ordenamento original e prejudicando os demais.”

Os moradores envolvidos na trama de acontecimentos narrada por Koury, a princípio, estavam organizados em torno de um movimento amplo por moradia digna que a todos representava na negociação junto ao poder público municipal pela construção e entrega de casas populares. Nos desentendimentos cotidianos próprios de redes engolfadas de engajamento quase total das individualidades no *Nós relacional*, eles elaboraram, enquanto atores sociais reflexivos e dotados de agência, uma fratura irreversível das lealdades, fidelidades, amizades e amores que os uniam enquanto comunidade de projetos e de sofrimento.

Ao não aceitarem o modo como se deu a partilha de bens materiais e simbólicos expressos no conjunto residencial para o qual apenas parte dos integrantes do movimento pôde mudar-se, alguns dos moradores engajados no movimento por moradia digna instauraram um regime de desconfiança, de desculpas e acusações e de silêncios prenhes de rumores, fofocas e intrigas como forma de lidar com a humilhação sofrida. Este desequilíbrio normativo, potencializado por denúncias de traição e quebra de confiança que atingia parte dos beneficiados com casas no Residencial Monte Cassino, ou PA III, resultou na falência moral da comunidade que unia vizinhos, amigos e compadres e em uma recomposição de vínculos pautados em sentimentos de raiva e revolta, vergonha e isolamento.

Koury enfatiza, neste sentido, como os *segredos de polichinelo* engendrados no não cumprimento, - no suspeitar-se de ter assim ocorrido, - das regras e normas acordadas na ação coletiva, e descumpridas em ações individuais interesseiras, contaminou as relações cotidianas de forma negativa. O reconhecimento, a reciprocidade e a honra, outrora elementos da cultura emotiva e dos códigos de moralidade que caracterizavam o lugar, passam a

ser substituídos por sentimentos de mágoa, desrespeito, melancolia, medo do outro e medo de falar e por práticas extremamente perturbadoras de “burburinho” e “buchicho”.

A fofoca desempenhou um papel basilar para o aumento dos desconfortos, suspeitas, intrigas e estranhamentos cotidianos até que estes se transformaram em escândalo público. A fofoca, na medida em que canalizou a ofensa e o insulto moral, fez da experiência de quebra de confiança um conflito a ser resolvido na arena pública de disputas morais, uma vez que atacava a *face*, a *fachada* e, por conseguinte, toda a reputação dos acusados e acusadores em um jogo deveras perigoso de *desfiguração moral* do outro relacional.

Koury (2016, pp. 91-92) descreve o resultado desta espiral de ira/raiva e possibilidades sempre latentes de violência física:

“O que restou, segundo os informantes, foi a “emoção de se sentir traído”. Para os narradores, foi o sentimento de “desrespeito” que ficou e se estabeleceu em todos, e que minou o sentido de lealdade, de confiança e de ajuda mútua. O que formalizou, destarte, através da fofoca e do rumor, um “disse me disse” onde todos se colocavam ao mesmo tempo como vítimas e também como possíveis alvos de traição por outro qualquer.

O sentido de comunidade evanesceu. Restaram, tão somente, as mágoas e a sensação de que “não mais se tinha em quem confiar”; e de que “todo mundo era um possível interesseiro no jogo [cotidiano] da vida”.

A etnografia, assim, apresenta o contexto moral e emocional, enquanto códigos de moralidade e cultura emotiva, de dissolução de vínculos comunitários entre relacionais em um regime de intensa pessoalidade, mutualismo, dádiva e compadrio. Bem como dispõe e analisa o cenário de recomposição

moral dos vínculos esgarçados a partir de delimitações bastante rígidas ao agir individual e ao agir do outro, agora definido como o morador do Varjão/Rangel ou do PA III, conforme a perspectiva de quem olha, e constantemente ameaçado de agressão física, isolamento e morte.

Koury, nas suas análises, relata trechos de entrevistas (valeu-se de cinquenta depoimentos, ao todo) e de conversas informais travadas esporadicamente com moradores do bairro, realizadas na condição de morador atípico do lugar. O autor chama a atenção, com base nos elementos etnografados, para um modelo microanalítico das tensões cotidianas, entendidas como a gramática emocional do jogo social a ser compreendido enquanto cadeias de interdependências entre individualidades.

Individualidades estas que se afirmam, se ajustam, silenciam, se desengatam, conformam e rompem os vínculos sociais de forma consciente e oportuna. No entender de Koury,

bastante próximo a Goffman e crítico de autores como Elias e Bourdieu, o ator social e suas ações podem ser lidos no sentido de um jogo social indeterminado e cheio de surpresas, mas consciente e passível de jogadas de sedução, manipulação e cooperação com o outro em espaços interacionais moralmente significativos, significantes e complexos.

O relato etnográfico de Koury, neste *Quebra de confiança e conflito entre iguais* busca compreender uma situação de tensão, dissensos, rupturas e recomposições morais e emocionais tal como ocorreu com os moradores do Conjunto Residencial Monte Cassino, ou PA III, e com os que permaneceram no Varjão/Rangel. Situação que se desdobra em possibilidades sempre renovadas de reconstrução de projetos individuais e coletivos, de novos códigos de moralidade e de uma outra cultura emotiva, mais individualista e mais sujeita a ironia e a laços mais tênues de confiança.

*Raoni Borges Barbosa*  
(GREM/UFPB-PPGA/UFPE)

Recebido em: 20.03.2016

Aceito em: 28.03.2016

